

Santo, santo, santo

Hélio Schwartsman

Folha de S. Paulo, 13.04.2014

SÃO PAULO - José de Anchieta (1534-1597) acaba de ser declarado santo pela Igreja Católica. Não há dúvida de que se trata de um dos melhores escritores em língua portuguesa e de uma figura intrigante. Resta saber se é alguém que deve ser imitado e venerado.

Para os católicos, a questão não é mais controversa. A canonização significa justamente o reconhecimento de que Anchieta merece emulação e honras. Mas, para os não católicos, a dúvida permanece. É verdade que o padre Anchieta e os jesuítas protegeram os índios das investidas dos bandeirantes e da escravidão nas colônias, mas houve um preço a pagar.

As missões jesuíticas em que viviam os indígenas podem ser descritas como utopias encravadas na floresta ou como regimes teocráticos de terror, dependendo de qual for seu historiador preferido. É ponto pacífico, porém, que a catequização contribuiu para destruir as culturas autóctones, num processo que se arrasta até hoje e é marcado pelas altas prevalências de suicídio e alcoolismo entre os índios.

Para adicionar mais sal à polêmica, Anchieta tem alguns versos bem pouco simpáticos aos índios, em que os acusa de causar "ruínas" aos cristãos e em que justifica os massacres perpetrados pelos portugueses afirmando que os nativos eram muito cruéis e tinham o hábito do canibalismo. Podem-se encontrar, é verdade, passagens mais abonadoras, mas dirigidas aos índios convertidos.

Como interpretar isso? Para nós, ateus levemente relativistas, não há dificuldade. Anchieta, como qualquer um, era prisioneiro de seu tempo. Não faz sentido impor-lhe conceitos éticos contemporâneos. Mas religiosos não podem recorrer a essa saída. A igreja, afinal, diz que a moral é eterna e foi revelada por Deus. Se é assim, como explicar que as Escrituras e a própria igreja, durante a maior parte de sua existência, tenham sancionado a escravidão? Ela ainda é válida ou Deus mudou de ideia?